

A (re)descoberta da cultura no concelho de Mértola

Será uma presunção falar de cultura num concelho em que a percentagem de analfabetismo ronda os 42 por cento? Julgo que não. Há que investir nesse campo, tendo em mira a juventude, seguramente mais apta a receber essa semente do que as gerações anteriores. Ora, no concelho de Mértola não se pode dizer que persiste uma forte tradição cultural, se entendermos cultura no sentido de «expressão popular» com raízes profundas. Algo, todavia, se mantém. O dever dos animadores será salvar o que resta, recuperar o que parecia perdido.

Realizar, de algum modo, o que a aculturação, produzida pelas máquinas propagandísticas de uma sociedade que lenda para a uniformidade, interrompeu; ofuscou, impôs-se, por tanto, uma terapêutica. Essa, pois, a tarefa dos sectores culturais autárquicos para que um património tão valioso não se dissolva. «Pretendemos estimular o apetite cultural das pessoas...» diz Jorge Pulido Valente, vereador da Câmara Municipal de Mértola.

Com efeito havia um projecto, uma estratégia a seguir — plano traçado por Serrão Martins, o presidente falecido num desastre de viação. Uma equipa de colaboradores rodeava-o, funcionando com coesão e acerto. Foi no âmbito desse projecto que se partiu para as escavações arqueológicas. Como consequência dessa iniciativa surgiu o museu. A inexistência de um museu era lacuna grave na vida de Mértola, já que dispunha de recursos para a sua constituição.

Descobertas formidáveis foram feitas, nomeadamente uma colecção de cerâmica do período califal, fabricada segundo o método «corda seca» que consiste na separação dos vários esmaltes por um cordão de manganês ou de gerdura. A sua introdução na Península Ibérica remonta ao século XI... Bem, o museu começa a compor-se com base no material encontrado na necrópole de Alcáçova e na basílica paleo-cristã.

Museu

No mesmo edifício tornou-se um outro museu, este de «arte sacra», graças à recolha efectuada nas igrejas do concelho. Algumas das imagens, aliçadas de carunchos, pareciam à primeira vista irrecuperáveis. Todavia, submetidas a um processo de tratamento, mérito para a francesa Monique (especialista em restauração e conservação de madeira pintada), figuram agora

no património artístico que Mértola tem para mostrar.

As escavações e a recolha de objectos tem apaixonado alguns sectores da juventude de Mértola. Intimamente dava-se lugar ao imaginário, colhendo-se ensinamentos que na escola se aliavam áridos e sem préstimo. Toda uma literatura de avelutinos e tesouros vinha à lembrança, provocando alvoroço e temor no acto de revolver a terra. Com que iremos deparar?

Generalizada a ideia do museu, «gente de todo o concelho vinha entregar, à Câmara, peças de artesanato e material etnográfico, coisas, até aí, consideradas inúteis» — eis o que conta Jorge Pulido Valente. Em 1982, arranca-se para uma redescoberta: a tecelagem do concelho. Sabia-se de quem ainda confeccionava, no tear, mantas e colchas, coisas que, esporadicamente, ainda se viam nas feiras de Castro Verde e Mértola.

O ofício de tecedeira, outrora bastante generalizado no concelho, com a concorrência do fabrico industrial, tornou-se raro. Apenas algumas mulheres ainda a ele se dedicavam, em cumprimento das encomendas que lhes faziam. Em regra, a concentração de tecedeiras verificava-se nas zonas do concelho mais pobres — de serra, áspers — onde a pastorícia era a única hipótese de sobrevivência.

S. Pedro de Sols é um desses centros, embora actualmente esteja reduzido a duas ou três tecedeiras. Assunção Joaquina Revez, de 73 anos, por exemplo, ainda não abandonou o ofício. Especializou-se em colchas tecidas com linho, material nobre, e linha. Trabalho moroso, de meses, que exige experiência e alguma criatividade. «Satisfação encomenda... para pessoas de Lisboa, Beja e Algarve. Uma colcha importa em quinze contos...»

Eram três irmãs e todas, no Inverno, à volta da lareira, fiavam linho. Depois, aprenderam a tecer com uma meslra que «ensinava às raparigas dos montes». Maneira de se furtarem à apanha do mato ou à monda. Sempre era preferível tecer do que andar à chuva e ao frio. Ser tecedeira, de certa forma, dava às raparigas prestígio, uma colação elevada. «Minha amada é tecedeira / Tecer filas amarelas / Põe os pés nas premedeiras / Bem podem chover canelas» — assim cantavam os jovens solteiros nos bailes.

Se a colcha de «carapulo» (linha salda (faziam parte do enxoval), as mantas ultrapassavam-nas no consumo. As simples, de riscas, chamadas de «trabalho» eram utilizadas pelos almocreves e guardadores do gado. As outras, mais sofisticadas, serviam de cobertura nos leitos.

Geometria

Maria Teresa, de 42 anos, tece mantas que vende por mil escudos, aos feirantes. Em três dias fá-las: com barras, nos tons de castanho, branco e bege, as cores naturais da lã. Uma manta exige três a quatro quilos de lã de ovelha. No entanto, não desconhece a confecção das mantas «finas», do tipo olho de perdiz, montanha, fusla e amendoim, os diversos padrões tradicionais. «A Câmara já me propôs o ensino deste ofício, a fim de que o conhecimento não se perca...»



Uma das raras tecedeiras que ainda resta...



A juventude tascada pela arqueologia

Pelo que apurámos, a tecelagem é o elemento cultural mais poroso das comunidades agropastoris serranas, no concelho de Mértola. «Tudo domia / Sô eu cantava / A doadora / Tudo doava», cantiga que versa a profissão de tecedeira. Na opinião do arqueólogo Cláudio Mar-

lins, existem pontos de contacto entre as mantas a que nos referimos e os princípios decorativos «que regem algumas sociedades de pastores berberes do Norte de África».

Ornamentos constantes nos trabalhos de tecelagem, madeira e barro. Esta tese assenta, em

parte, nas descobertas feitas no Campo Arqueológico de Mértola.

É o pendur para a geometria dos árabes, herança legada às populações da serra alentejana e algarvia que, pegam, sem limites de separação. «Uma cultura abruptamente interrompida com a chegada dos cavaleiros de Santiago à foz do Guadiana», conclui Cláudio Martins.

Incidiendo na acção cultural da Câmara Municipal de Mértola, há que destacar um propósito de animação estimável. «As pessoas só se divertiam nos bailes e festas anuais de cariz religioso... Entretanto, criámos um grupo de teatro, dinamizámos o desporto e tentámos animar as sociedades recreativas do concelho que estavam adormecidas» — afirma Jorge Pulido Valente.

Com efeito, um levantamento conscienciosamente elaborado, «descobriu» 42 sociedades recreativas, entre as quais sobressai a 1.ª de Dezembro, de Mértola, que se limitava «a ser um local de bailes», onde a entrada a mulheres e crianças era, por assim dizer, interdita. Hoje, toda a gente lá entra. Constitui um sítio aprazível, janela para o rio e um serviço de café bem montado, que fecha por volta das duas horas da noite. Assim, a população usufrui de mais um espaço de convívio.

Por outro lado, a Câmara está atenta à exibição de filmes. Dentro do possível orienta o gosto, evitando a passagem de um cinema marcado pelo karaté e a pornografia («J'ai couru...»).

Também fizemos cursos de iniciação topográfica de que resultou uma exposição — a promovermos nas povoações mais pobres, aliadas de tudo, sob o convívio com postas populares, bebidas e pelotas.

Assim vai a cultura no distrito de Mértola. Com paciência. As apalpadelas, vai penetrando devagarinho. Sem prazos, investindo no futuro — supomos que a via é correcta.

Leontina Fortes

Diário de Lisboa

Data: 27/10/84

LISBOA

1984